

Autoria: Ana Luíza Oshiro e Ester Borges

Revisão: Ester Borges

Quatro futuros para o jornalismo brasileiro: sustentabilidade, tecnologia e regulação até 2035

Em julho de 2026, o The New York Times publicou a reportagem [Google Is Building an A.I. Fence Around the Internet It Once Championed](#), que analisa mudanças no comportamento dos usuários do Google diante da crescente integração de ferramentas de inteligência artificial aos mecanismos de busca. Entre essas mudanças está o uso cada vez mais frequente do Gemini como interface para acessar informações, em um contexto no qual os usuários nem sempre consultam ou verificam as fontes utilizadas para construir as respostas.

A transformação altera não apenas a forma como as pessoas encontram informação na internet, mas também as condições de circulação e financiamento do jornalismo. À medida que respostas geradas por IA passam a ocupar o lugar de páginas, links e fontes originais, veículos jornalísticos podem perder audiência e tráfego, ao mesmo tempo em que aumenta a importância de compreender como conteúdos jornalísticos são utilizados, sintetizados e redistribuídos por essas ferramentas. O fenômeno coloca, portanto, questões relevantes para a sustentabilidade econômica dos meios de comunicação e para a integridade do ecossistema informacional.

Essas mudanças também têm mobilizado organizações da sociedade civil e instituições de pesquisa no Brasil. Nesse contexto, a Repórteres sem Fronteiras (RSF) e o Laboratório de Estudos sobre Organização da Pesquisa e da Inovação (Lab-GEOPi), da Unicamp, desenvolveram o estudo [Futuros do jornalismo: cenários e implicações para o jornalismo íntegro e de confiança para os próximos 10 anos](#). A Momentum – Journalism and Tech Task Force integrou o Comitê Consultivo responsável por acompanhar o desenvolvimento da pesquisa, ao lado da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Associação de Jornalismo Digital (Ajour), Artigo 19 Brasil e América do Sul, Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e Instituto Vladimir Herzog.

O estudo parte de um cenário de profundas transformações tecnológicas, econômicas e sociais para discutir diferentes possibilidades para o futuro do jornalismo e suas implicações para a produção de informação íntegra e confiável. Nesse brief, nos debruçamos sobre as principais questões levantadas pela pesquisa.

Como a pesquisa construiu os futuros possíveis

Em vez de projetar uma única tendência para o jornalismo brasileiro, o estudo utiliza a metodologia de scenario planning para lidar com um contexto em que há elevado grau de incerteza. Os cenários não são previsões nem recebem probabilidades de ocorrência. A proposta é construir um conjunto amplo de futuros plausíveis e, a partir deles, identificar riscos, oportunidades e estratégias que possam fortalecer o jornalismo em diferentes circunstâncias.

O processo começou com uma revisão de literatura e de dados secundários, incluindo estudos prospectivos, relatórios técnicos, bases de dados e pesquisas acadêmicas. A partir desse levantamento, foram mapeadas tendências, fatores de mudança e incertezas críticas, elementos com potencial para alterar de maneira significativa as condições futuras do jornalismo. Essas incertezas foram organizadas em cinco dimensões: segmentos jornalísticos; fontes de financiamento; preferências de consumo e atratividade do jornalismo; condições para o pleno exercício da atividade jornalística; e agentes de produção e disseminação da informação. O levantamento foi discutido e validado com o Comitê Consultivo e serviu de base para a construção de um documento de tendências.

Em 10 de outubro de 2025, uma oficina realizada em São Paulo reuniu 46 representantes de 36 organizações, entre organizações de mídia, veículos jornalísticos, pesquisadores da área de comunicação e representantes do poder público. Divididos em grupos, os participantes discutiram as cinco dimensões identificadas na etapa anterior e seus possíveis desdobramentos para o futuro do jornalismo.

A partir da combinação dessas incertezas e das discussões realizadas na oficina, foram construídos quatro cenários para o jornalismo brasileiro até 2035. Cada cenário foi posteriormente analisado a partir de suas implicações para conteúdos, distribuição, sustentabilidade financeira, políticas públicas, regulação, tecnologias, especialmente inteligência artificial, e relação com diferentes públicos.

Quatro futuros possíveis para o jornalismo brasileiro

Os cenários construídos pelo estudo permitem observar quais problemas o jornalismo precisaria enfrentar em cada configuração e quais respostas poderiam ampliar suas condições de sobrevivência e integridade.

Cenário	O que está em jogo?	Respostas estratégicas sugeridas
Reféns de plataformas	Plataformas digitais e redes sociais se consolidam como principais intermediárias da informação. A dependência dos veículos em relação a algoritmos e políticas de moderação aumenta, enquanto grandes grupos ganham vantagem pela escala. A sustentabilidade permanece fortemente associada à publicidade e à capacidade de diversificar receitas.	Ocupar plataformas de forma planejada; fortalecer redes, parcerias e conexões entre veículos; criar mecanismos de reconhecimento da informação confiável; atuar por transparência algorítmica, proteção à autoria e remuneração pelo uso de conteúdo jornalístico por sistemas de IA; e diversificar fontes de receita.
Praça pública qualificada	A regulação das plataformas e políticas públicas de valorização do jornalismo criam condições mais equilibradas para a circulação da informação. A IA pode ampliar a competitividade de veículos menores, enquanto a informação íntegra e a agência humana são valorizadas. Modelos de financiamento tornam-se mais diversos, incluindo publicidade, serviços, parcerias, editais e remuneração pelo uso de conteúdo por IA.	Ampliar a formação sobre o método jornalístico; criar selos de confiabilidade; promover mobilização de jornalistas, sociedade civil, empresas e governos; e manter o debate regulatório permanente para acompanhar as novas tecnologias e evitar retrocessos.
O futuro é local	A fragmentação do ecossistema favorece iniciativas locais, comunitárias e de nicho, com relações de proximidade e pertencimento. Modelos de membresia, filantropia, editais temáticos e publicidade microsegmentada sustentam veículos menores de forma estável, mas a proximidade com a audiência não garante, por si só, a integridade da informação.	Definir nichos e compreender suas audiências; tornar explícitos os critérios de apuração, verificação, objetividade e diversidade de fontes; criar canais de diálogo direto; desenvolver modelos de financiamento baseados em vínculo e confiança; manter coerência editorial; e utilizar selos de confiabilidade.
Fim do jornalismo	A IA, as plataformas e redes de propaganda e desinformação substituem progressivamente a mediação jornalística. O acesso direto às fontes diminui, a sustentabilidade financeira se torna inviável e veículos locais e independentes desaparecem. Jornalistas enfrentam violência, autocensura e perda de relevância, enquanto plataformas e sistemas de IA passam a definir o que é distribuído como informação.	Preservar estruturas dedicadas ao jornalismo de interesse público; construir coalizões entre veículos, universidades, Justiça e organismos internacionais; desenvolver tecnologias e canais próprios, com rastreabilidade e autenticação; fortalecer a educação informacional; compartilhar dados, metodologias e infraestruturas abertas; e preservar acervos jornalísticos.

O que os quatro cenários têm em comum

Embora apresentem futuros diferentes, os quatro cenários convergem em um ponto fundamental: o futuro do jornalismo não será definido apenas pela evolução das tecnologias. Regulação, modelos de financiamento, relação com as audiências, capacidade de cooperação e, sobretudo, a possibilidade de tornar reconhecível e valorizado o método jornalístico também serão determinantes. É por isso que o estudo identifica as chamadas trajetórias robustas: estratégias que permanecem relevantes mesmo diante de diferentes configurações do ecossistema informacional. Entre elas estão tornar o método jornalístico mais transparente e conhecido pelo público, fortalecer o enfrentamento à desinformação, ampliar redes de cooperação, diversificar modelos de sustentabilidade financeira, investir em educação midiática e atuar pela construção de um ambiente regulatório favorável ao jornalismo.

A principal contribuição dos cenários, portanto, está em evidenciar que diferentes futuros exigem diferentes respostas e que algumas escolhas precisam ser feitas desde já.

Essa discussão ganha ainda mais urgência quando observamos como os brasileiros já estão incorporando novas ferramentas aos seus hábitos informacionais. A pesquisa do Aláfia Lab, [Como os brasileiros percebem a circulação da desinformação e o uso da inteligência artificial](#), publicada em junho de 2026, mostra que ferramentas de IA já fazem parte do cotidiano de uma parcela significativa da população: 42% dos entrevistados afirmaram utilizar o ChatGPT e 25%, o Gemini, enquanto 37% disseram nunca ter utilizado esse tipo de ferramenta. O uso, contudo, não é distribuído de maneira homogênea: é mais frequente entre pessoas mais jovens, de maior renda e maior escolaridade.

Esses números não permitem concluir, isoladamente, que a inteligência artificial esteja substituindo as fontes jornalísticas. Eles indicam, porém, que a transformação projetada nos cenários da RSF e do Lab-GEOPI tem dimensões concretas no Brasil. O desafio para o jornalismo, portanto, é além de produzir informação de qualidade, garantir que ela continue sendo encontrada, reconhecida, acessada e valorizada em um ecossistema cada vez mais mediado por plataformas, algoritmos e sistemas de inteligência artificial. Isso recoloca no centro da agenda questões que atravessam os quatro cenários: como financiar o jornalismo em um ambiente de distribuição cada vez mais intermediada; como construir relações de confiança em meio à fragmentação das fontes; como tornar visível o método que diferencia jornalismo de outros tipos de conteúdo; e quais regras podem garantir condições mais equilibradas para que a informação de interesse público continue circulando. É nesse espaço entre as transformações que já estão em curso e os futuros que ainda estão em disputa que o setor pode se articular.